Capítulo XXI — O paganismo e a família

> **Sumário.** Influência do paganismo clássico sobre a família.

O respeito da autoridade paterna, a indissolubilidade do matrimônio, o direito do pai sobre os filhos: tais são as bases da família cristã. Ora, como a sociedade política, a sociedade doméstica vive do respeito das leis que a constituem. Daí, durante quinze séculos, a veneração profunda dos povos cristãos pelos ensinamentos de seus pais, pelos seus costumes e usos; daí o cuidado religioso de transmitir aos filhos, como a porção mais preciosa da sua herança, o culto sagrado dos antepassados. Assim fizeram todas as famílias históricas; assim fizeram todos os grandes povos que brilham nos anais do mundo.

Essa lei de conservação é tão natural e, se ouso dizê-lo, tão elementar que as nações pagãs a conheceram perfeitamente e a cumpriram com maravilhosa fidelidade. Roma, que tanto se gosta de citar, apelava sempre aos costumes e usos primitivos. As máximas de seus pais formavam outras tantas máximas sagradas, e a veneração de que cercava os nomes dos seus fundadores chegou à apoteose. Nesse respeito profundo e universal, o laço de família achou a sua conservação. Por sua vez, o laço de família, mantendo Roma sempre semelhante a si mesma, tornou-se o princípio da sua força, o segredo da sua duração e a base do seu poder soberano.

Que é agora o paganismo clássico? É a maior escola de desprezo pela autoridade paterna que jamais existiu. Ao expor a maneira como o paganismo é aplicado à alma da infância, usei de propósito de grande reserva. Para não ser taxado de exagero, preferi ficar aquém da verdade a mostrá-la inteira: chegou o momento de falar sem reticência. Os elogios dados ao paganismo são a face da medalha: as injúrias, as calúnias, as zombarias prodigalizadas aos nossos antepassados formam-lhe o reverso. Eis, na realidade, como as coisas se passam.

Depois de elevar às nuvens os homens, as instituições, as sociedades pagãs, cai-se sobre os nossos pobres antepassados, sobre os seus usos, as suas instituições, sobre tudo o que disseram, tudo o que fizeram, a ponto de fazer corar os seus filhos de tal descendência. Nada é poupado: os primeiros cristãos são fanáticos e idiotas; os séculos que prepararam são séculos de barbárie; a Idade Média é a idade de ferro do gênero humano, a época de uma letargia universal. A fé dos nossos antepassados chama-se embrutecimento; as suas práticas religiosas, superstição; as suas virtudes, fanatismo; os seus papas, ambiciosos; os seus reis, tiranos; os seus príncipes, ladrões; os seus senhores, bandidos; as suas leis, o código da crueldade e da tolice; a sua história, lenda; o seu ensino, puerilidade; a sua literatura, barbárie; a sua ciência, ignorância; a sua arte, gotismo; o

seu estado social, escravidão e miséria. Numa palavra, há mais de três séculos, representam-nos os nossos antepassados como bandidos, vivendo de rapina e entregues a todos os vícios; como selvagens que mal sabiam andar sobre os pés; como cretinos cuja fé simples e ingênua era capaz de admitir que os asnos voavam como andorinhas.

Depois, retomando a trombeta épica, cantam-se os benefícios da Renascença; convidam-se as jovens gerações a bendizer o céu por as ter feito nascer no seio das luzes e da liberdade. Após o quê as mergulham de novo, felizes e agradecidas, nessa antiguidade pagã que é, diz ainda hoje o Sr. Thiers, o que há de mais belo no mundo, nesse asilo calmo, tranquilo e sadio, destinado a conservá-las frescas e puras;[1] nesse mundo maravilhoso a que o mundo moderno deve o seu despertar.[2]

Em meio a essas diatribes de todo gênero renovadas a todo propósito, se por vezes a força da verdade arranca, para um homem ou para uma coisa da Idade Média, uma palavra lisonjeira: pela maneira como é dada, o próprio elogio se torna uma nova ofensa. Entre mil, citarei apenas um exemplo.

> *Fez-se, escreve d'Arnaud, uma observação bastante singular: é de certo modo do meio das trevas que se ergueram esses grandes espetáculos dignos de fixar a curiosidade e a reflexão. Os tempos mais mergulhados na ignorância e na barbárie produziram, se assim se pode dizer, lampejos de luz que não nos ofereceram esses séculos célebres, postos diante dos nossos olhos como outras tantas brilhantes épocas das felizes revoluções do espírito humano. Que exemplos sublimes de valor, de generosidade, de grandeza de alma, dos sacrifícios mais sobrenaturais apresentam as diversas idades da cavalaria!*

Por receio de que se equivoquem sobre o sentido do seu pensamento e de que o dardo não chegue ao destino, o autor cuida de explicar-se a si mesmo, dizendo numa nota:

> *Do meio das trevas, etc. Pode-se seguramente chamar os séculos XI, XII, XIII, XIV a escória dos séculos, e é nesses dias da mais grosseira barbárie que brilharam tantas belas ações que ainda fazem a glória da nação francesa.*[3]

Assim se faz a educação da juventude. E sois vós, pais de família, que encorajais semelhante sistema; sois vós que aplaudis os mestres que, cada dia durante sete anos, ultrajam a vossa autoridade na dos vossos antepassados; sois vós que os pagais para ensinar aos vossos filhos o que vos ensinaram a vós mesmos: o desprezo de tudo o que mais devem respeitar! Ainda que tudo o que o ensino clássico conta dos nossos avós fosse verdadeiro, é próprio de filhos bem-nascidos desvendar a ignomínia de seus pais? Onde vistes que o pecado de Cam traga felicidade? Mas que dizer, que pensar se as acusações dirigidas aos nossos antepassados são na maior parte odiosas calúnias ou censuras que merecemos como eles, sem contar as censuras bem mais graves que

merecemos e que eles jamais mereceram?

Não quero empreender aqui a apologia da Idade Média. Mas quando a vejo cada dia entregue a todos os gêneros de desprezo; quando a primeira lição dada à juventude da Europa inteira é ensiná-la a corar dos seus avós, a fim de exaltar, por um contraste mentiroso, tanto os séculos pagãos como os séculos modernos, altivos filhos dos séculos pagãos, a verdade não pode ficar cativa. Os nossos pais valiam mais que nós, e tudo o que nos resta de bom, devemo-lo a eles. Homens como nós, tiveram defeitos; estamos isentos deles? Acusamos a sua credulidade: o pirronismo, o ateísmo que nos devora é uma virtude? Estigmatizamos a rudeza dos seus costumes, a crueldade das suas leis: as perversidades, as impiedades, os horrores que conspurcam a história moderna são dignos de antropófagos ou de povos civilizados?

Chamamos fanatismo, exagero as suas virtudes cavalheirescas, as suas dedicações sublimes: que nome merece o nosso egoísmo? Construíam igrejas e conventos: construímos teatros e prisões. Tinham cometido algum crime, pediam publicamente perdão a Deus e aos homens: nós disso nos gloriamos. Ameaçados ou atingidos pelos flagelos do céu, humilhavam-se: nós blasfemamos. No seu tempo, quando se experimentava alguma grande tristeza, rezava-se: hoje mata-se. Falamos da sua ignorância: onde estão as nossas luzes? É nesses tempos de trevas ou nos nossos séculos esclarecidos que se acham as noções mais justas do direito, da autoridade, da propriedade, do bem e do mal?

Gabamos a beleza das nossas línguas modernas: eles as criaram. Descobrimos o vapor e a eletricidade: eles descobriram a bússola, a imprensa e inventaram a pólvora. Produzimos montanhas de livros: eles produziram a *Imitação*. Cantamos as nossas glórias na guerra, nas ciências e nas artes: eram tão bárbaros quanto nos comprazemos em dizer os séculos que produziram, na guerra, Carlos Magno, Du Guesclin, Godofredo de Bulhão; nas ciências políticas, Alcuíno, são Gregório VII, são Luís e Suger; na teologia, são Boaventura e são Tomás; na eloquência, são Bernardo, santo Antônio de Pádua, são Vicente Ferrer; na filosofia, santo Anselmo; na poesia e na literatura, Dante e Petrarca; nas ciências físicas, Gerberto e Rogério Bacon? Eram selvagens, filhos e irmãos de selvagens os que lançaram às nuvens as flechas das nossas catedrais, que lhes recortaram tão delicadamente todas as partes, que lhes povoaram os pináculos e galerias de um povo de estátuas, que escreveram a história do tempo e da eternidade em caracteres de ouro, de púrpura e de azul nas paredes e nos vitrais dos seus magníficos edifícios?

Mas, dizem, não gozavam da liberdade de pensamento. O que sei é que nós temos o seu desvario. Viviam na opressão; nós somos ingovernáveis. Vestiam burel; nós usamos algodão estampado. Nutriam-se de pão preto; nós comemos batatas. Viviam em suas famílias como raposas em suas tocas; nós vivemos na oficina e já não temos família.

Seria fácil prolongar esse paralelo; o que precede basta, parece, para tornar-nos um pouco mais modestos e para mostrar-nos a injustiça dos desprezos soberbos com que nos ensinam a cobrir tanto a pessoa como as obras dos nossos antepassados. De resto, não nos enganemos: esse desprezo, esses ultrajes dirigem-se a uma autoridade mais alta. Inimigo nato do cristianismo, o paganismo clássico só se mostra tão desdenhoso e tão hostil para com a Idade Média porque a Idade Média foi a idade da fé. Foi obra da Igreja, cujo espírito penetrou profundamente as

instituições, os costumes, os usos, as ciências, as artes, a linguagem dessa época. Ora, descrevendo-a, é a Igreja que se pretende desacreditar; acusando-a de superstição, de ignorância e de barbárie, é sobre a Igreja que se fazem recair todas essas acusações. Tal é a última palavra da guerra estúpida e encarniçada que os três últimos séculos fazem à Idade Média. Eis o que deveriam ter compreendido tantos homens, aliás bem-intencionados, que se fizeram admiradores fanáticos do paganismo literário e desprezadores apaixonados da nossa grande época de fé.

Os inovadores do século XVI não se enganaram. Ninguém repetiu mais vezes e mais alto que os séculos em que a Igreja católica exercera sobre a Europa um poder soberano eram os séculos da mais grosseira ignorância, da superstição mais vergonhosa, da degradação mais profunda: a consequência era fácil de tirar. Dali só havia um passo até dizer que, se a noite reinara sobre o mundo, era porque o sol sofrera um eclipse; que a Igreja perdera uma parte da verdade primitiva; que era preciso desembaraçar a sua doutrina da liga impura que nela se misturara; que era preciso rejeitar todas as tradições e voltar à pura palavra de Deus: esse passo foi dado.

No séquito dos apóstolos do paganismo clássico vê-se chegar Lutero, Calvino, Teodoro de Beza; depois dos heresiarcas e dos inovadores vêm Bayle, d'Argens, Bolingbroke, Diderot, Rousseau, Voltaire com todo o exército filosófico. Todos vão buscar as suas armas contra a religião no mesmo arsenal onde os heréticos do século XVI haviam buscado as suas, não mais para atacar algumas verdades apenas, mas para bater em brecha o edifício inteiro do cristianismo. Dogmas, mistérios, preceitos, autoridade, práticas são proclamados, de uma só voz, produto da ignorância e da estupidez dos séculos bárbaros. Desde então, na sua admiração como na dos seus discípulos, uma só coisa permanecia de pé: o paganismo. Com efeito, veremos logo os homens de 93 empreenderem regenerar o mundo com as ideias de Esparta, de Atenas e de Roma.

Notas

[1] *Rapport sur la loi d'instruct. secondaire* [Relatório sobre a lei de instrução secundária], 1844.

[2] «A história da Idade Média, diz o abade Millot, é o opróbrio da razão humana.» *Histoire de France*, 3ª época. — *Unitariorum (socinianorum) in Anglia historiam haud facile est ab initio investigare. Constat tamen mentem humanam, ex somno, quo per tenebras tot sæculorum sepulta fuerat, subito experrectam, studia sua huic veritati cito intendisse.* [Não é fácil investigar desde o princípio a história dos unitários (socinianos) na Inglaterra. Consta, porém, que o espírito humano, subitamente despertado do sono em que estivera sepultado pelas trevas de tantos séculos, voltou logo os seus estudos para esta verdade.] *Unitarior. brevis exposit.*, Londres, 1822. — *Quale spettacolo più curioso per questi tempi illuminati, urbani, operosi, il vedere da quai tenebre, da qual fierezza, da quale ignavia noi siam pervenuti sin qui, e il vedere per qual modo sieno state sgombrate tante tenebre, e vinta tanta salvatichezza... Un pensier nasce in mente dal considerare l'infinita distanza, che tra gli antichi tempi e i nostri si vede, il qual pensiero io non posso lasciare senza qualche riflessione, che della storia è propria più che nol sono i fatti degli antichi da mille dubietà e menzogne sempre inviluppati... Per quanto nel vero sia questo studio umiliante, al vedersi ogni gente ad un vivere pervenuta più ragionevole per mezzo ad infinite brutalità, e divenuti alquanto umani dopo essere stati peggio che fiere gli uomini tutti, qual vantaggio non è, qual diletto riconoscere i mezzi e le cause onde ebbero origine i nuovi costumi!* [Que espetáculo

mais curioso para estes tempos iluminados, urbanos, laboriosos, do que ver de que trevas, de que ferocidade, de que ignávia chegamos até aqui, e ver de que modo foram dissipadas tantas trevas e vencida tanta selvajaria!... Nasce no espírito um pensamento ao considerar a infinita distância que se vê entre os tempos antigos e os nossos, pensamento que não posso deixar sem alguma reflexão, a qual é própria da história mais do que o são os fatos dos antigos, sempre envoltos em mil dúvidas e mentiras... Por mais humilhante que seja de fato este estudo, ao ver todos os povos chegados a um viver mais razoável por entre infinitas brutalidades, e tornados algo humanos depois de terem sido todos os homens piores que feras, que vantagem não é, que deleite reconhecer os meios e as causas de onde se originaram os novos costumes!] Bettinelli, *Risorgimento d'Italia negli studj*, 1775. Introd., p. XXX e XXXVII. — Poder-se-iam compor volumes inteiros de citações semelhantes.

[3] *Délassements de l'homme sensible ou Anecdotes diverses* [Distrações do homem sensível], t. I, parte II, p. 249. Art. *Esprit de la chevalerie*.

Revision #1
Created 22 November 2026 17:19:43 by Admin
Updated 22 November 2026 17:19:43 by Admin